

## ESCOLA E(M) CASA: POÉTICAS DO ESPAÇO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

CAROLINA POHLMANN DE OLIVEIRA<sup>1</sup>; CARMEN ANITA HOFFMANN<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>UFPEL – carolinapohlmann@gmail.com

<sup>2</sup>UFPEL – carminhalese@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre os tempos e espaços escolares, no atual contexto de Pandemia (COVID-19), a partir do relato de minha experiência docente, em sala de aula virtual de Teatro, no Colégio de Aplicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O presente estudo apresenta uma relação entre estas práticas educativas com as investigações desenvolvidas no projeto de pesquisa intitulado “Em busca de uma pedagogia performativa: alternativas em performance e educação no ensino de artes na escola”, inserido no curso de mestrado, do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa possui a orientação da professora doutora Carmen Anita Hoffmann e integra a linha de pesquisa “Educação em Artes e Processos de Formação Estética”.

Com o objetivo de investigar “uma poética da performance educacional” (PINEAU, p.97, 2010), proponho a análise de algumas dinâmicas realizadas nos encontros síncronos de teatro, do Colégio de Aplicação/UFRGS. Os encontros foram viabilizados por meio de uma plataforma virtual de reuniões, na qual educadores/educadoras e educandos conectaram-se por um período com duração de trinta minutos, de forma quinzenal.

Por meio da descrição e da análise de alguns processos de ensino e aprendizagem, apresento alternativas e adaptações de aulas de Teatro presenciais, para uma plataforma virtual de ensino. Serão apresentados três exercícios que ocorreram em encontros síncronos, com duas turmas de Teatro, do 8º ano do Ensino Fundamental.

A partir da leitura do primeiro capítulo “A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana.”, do livro “A Poética do Espaço” (BACHELARD, 1993), busco uma relação entre a poética do espaço da casa, com o desenvolvimento processual de um espaço de jogo (HUIZINGA, 2014), na sala de aula virtual.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa está em andamento e estuda diferentes possibilidades de exploração do ambiente virtual de aprendizagem com o intuito de promover a ludicidade por meio de jogos. Minha investigação abordou alternativas para que durante o período de aula virtual de teatro algumas dinâmicas fossem exercitadas em conjunto, para que se instaurasse um tempo e um espaço de jogo (HUIZINGA, 2014).

Nesse sentido, apresento algumas especificidades presentes nesses encontros síncronos, realizados por meio de uma plataforma virtual de reuniões, como por exemplo, a ampliação de uma percepção sensível (DUARTE JUNIOR,

2000), por meio da prática de um jogo em conjunto e da busca por uma noção de coletividade.

Nesta investigação proponho a análise de três exercícios realizados com as/os estudantes, em encontros síncronos, e relaciono-os com a poética do espaço da casa (BACHELARD, 1993). Elaborar um plano de trabalho para o ensino de teatro no meio virtual é uma tarefa desafiadora. As práticas que serão descritas neste estudo foram elaboradas com o objetivo de promover a interação entre seus/suas participantes. Os critérios de escolha para a seleção dos exercícios que serão descritos consideraram o espaço da casa, os dispositivos eletrônicos, os recursos tecnológicos disponíveis, aliados à promoção de uma poética educacional, a partir da ideia de um laboratório de práticas teatrais. A seguir, proponho o reconhecimento e a avaliação destas práticas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para refletir sobre essas experiências híbridas, nas quais professoras/professores e estudantes encontraram-se em um ambiente virtual de aprendizagem, e, simultaneamente, permaneceram dentro de suas casas, gostaria de começar investigando um sentido para a casa (BACHELARD, 1993). Com a implementação do Ensino Remoto Emergencial, a escola passou a ocupar um espaço e um tempo da casa e, por outro lado, a casa incorporou a vida escolar.

Como esse ambiente da casa transforma-se em um ambiente escolar? E como apreender as reverberações produzidas e sentidas nestes encontros síncronos, quando nesta ocasião há uma conexão com o nosso tempo e espaço de intimidade?

A casa representa o nosso abrigo, nosso local seguro (BACHELARD, 1993). De certa forma, quando estamos em segurança, protegidos do exterior, e nos sentimos em casa, abre-se uma fresta no cotidiano para que o devaneio nos inspire a caminhos distintos. Segundo Bachelard, no primeiro capítulo do livro “A Poética do Espaço”, ao destacar a importância deste espaço e deste tempo de proteção para o sonhador, ele escreve

(...) se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. (BACHELARD, p. 26, 1993)

No espaço da nossa intimidade, em função da Pandemia, uma pequena parte do interior das nossas casas desvelou-se para que pudéssemos continuar vivendo em conjunto. Diversas casas abriram-se por uma janela, por meio das câmeras de vídeo digitais, e com isso, iniciou-se um compartilhamento de “nosso primeiro universo” (BACHELARD, p. 24, 1993) em uma mesma sala de aula virtual.

Para iniciar o relato de minha experiência docente, selecionei um exercício que chamei de “Máquina sonora”, no qual, as/os participantes foram convidados/convidadas a manifestarem-se individualmente, cada um/uma a sua vez, para iniciarem uma proposta de um som, de forma contínua e ritmada. Este som poderia ser um estalar de dedos, ou um bater de palmas, ou qualquer outra manifestação sonora. Durante o exercício, pedi para que mantivessem suas câmeras fechadas e um/uma de cada vez fosse ligando seus microfones e

realizando essa composição. Este som manteve-se até que todos estivessem juntos, cada um no seu ritmo, formando uma “orquestra”, ou uma máquina que emitia um som, coletivamente.

Pensei neste exercício pois poucos/poucas estudantes participavam nos encontros síncronos com as câmeras de vídeo ligadas, compartilhando sua imagem. Para contemplar um número maior de estudantes com este exercício, pensei em uma exploração deste tempo e espaço em conjunto, por meio da percepção sonora, sem que estivéssemos com as câmeras de vídeo ligadas. Mesmo assim, alguns/algumas estudantes não participaram pois estavam sem o microfone em seus dispositivos eletrônicos. De modo que, convidei para que esses/essas estudantes realizassem um ritmo pelo chat, no bate-papo de mensagens. Contudo, a ideia não funcionou. O ritmo por mensagem de texto acabou ficando fora do tempo e não se encaixou com as manifestações pelo áudio.

O segundo exercício foi pensado para que houvesse uma oportunidade na qual todos participassem, tanto os/as que estivessem com o compartilhamento de vídeo ligado, quanto os/as que estivessem apenas com o áudio, ou apenas com o bate-papo de mensagens de texto. Chamei este exercício de “Todos/todas jogam” e consistia em uma prática na qual: uma dupla escrevia o texto no bate-papo; outra dupla atuava (ou lia) o diálogo que estava sendo escrito no bate-papo; e os/as demais poderiam fazer os efeitos sonoros do que estava acontecendo;

Infelizmente, os efeitos sonoros não ocorreram. Houve uma certa resistência para que eles/elas participassem, mas tivemos experiências interessantes, mesmo sem o envolvimento de toda turma. Começamos a improvisação definindo onde aconteceria a situação, depois pensamos em quem seriam os personagens, e por fim, o que aconteceria para que fosse improvisado naquele momento. Estas indicações guiavam tanto as pessoas responsáveis pela leitura ou atuação do texto, quanto as pessoas que estivessem escrevendo as falas da cena no bate-papo.

Nos dois exercícios, tanto na “Máquina Sonora”, quanto no “Todos/todas jogam”, percebi que em momentos de desconcentração, e por uma certa ansiedade, a primeira reação dos/das estudantes foi, ou rir, ou afirmar uma postura impositiva para que os/as colegas participassem “rápido”. Nesses momentos, alertei para um tempo em suspenso, um tempo de criação, e para um espaço com uma nova lógica. Segundo Huizinga (2014)

Todo jogo tem suas regras. São estas que determinam aquilo que “vale” dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão. (...) E não há dúvida que a desobediência às regras implica a derrocada do mundo do jogo. O jogo acaba: O apito do árbitro quebra o feitiço e a vida “real” recomeça. (HUIZINGA, p. 14, 2014)

Nesta passagem do livro “Homo Ludens”, Huizinga (2014) comenta sobre a criação de uma ordem própria que todo o jogo incorpora em seu acontecimento. A liberdade para jogar articula-se, diretamente, com as regras do jogo. Assim, os jogadores dominam um território lúdico, ao respeitarem essa “nova ordem” que é criada com a sua implementação e a participação no jogo.

Para explicar essa metáfora de um tempo e espaço de jogo, no encontro síncrono com os grupos, utilizei a ideia de “passar uma bola” para o colega. A instrução foi para que o colega “não deixasse a bola cair”, ou seja, no momento em que um jogador estivesse “fazendo um passe” para o outro, a expectativa

ainda seria para que o “passe” fosse finalizado. Assim, ao invés de rir, ou apressar o colega, nossa regra foi manter a “bola no ar”, sem “deixar cair”, no sentido que, tais atitudes como rir, ou pressionar o outro, foram consideradas como uma desistência do jogo, ou um abandono das regras.

Por fim, após alguns encontros, compreendi que seria importante que as/os estudantes reconhecessem como era “estar em cena” e “fora de cena”, mesmo que em uma plataforma virtual. Nesse sentido, antes de cada exercício de improvisação, eu dizia a frase: “Atenção, concentração, ação!”, para convencionar o início de um jogo virtual.

#### 4. CONCLUSÕES

Neste estudo, saliento a importância de reconhecer o caráter processual do ensino e do aprendizado. Além disso, este trabalho propõe uma construção simbólica para os tempos e os espaços da casa e da escola, pela apropriação e articulação de diferentes atravessamentos: minha formação docente, minha pesquisa científica, a Pandemia (Covid-19), o Ensino Remoto Emergencial na Escola, a utilização das plataformas virtuais de ensino.

Em defesa do ensino público gratuito, inclusivo e de qualidade, considero relevante destacar o papel político, social e científico de duas universidades públicas que constituem e garantem minha formação docente: a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. In: BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Capítulo 1, p. 23 – 54.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. 8ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: **Educação e Realidade**, 35(2): 89-113, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/14416/8333>> Acesso em: 20 jul. 2021.